Percepções femininas sobre a participação em Feira Livre

Female perceptions about participation in Free Fair

DOI:10.34117/bjdv7n4-335

Recebimento dos originais: 13/03/2021
Aceitação para publicação: 13/04/2021

Rodrigo Duarte Faccin
Graduado em Administração – Universidade Regional Integrada
Mestre em Extensão Rural – Universidade Federal de Santa Maria
Doutorando em Extensão Rural – Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: rodrigo-faccin@hotmail.com

RESUMO
Um fator importante para a construção de uma nova realidade sobre as relações de gênero e, principalmente, para a constituição do protagonismo feminino na agricultura familiar aparece como a entrada das mulheres em espaços de Feira Livre, pois possibilita para as mulheres a criação de novas relações sociais e do desvencilhamento da esfera privada. Neste sentido, diante do contexto de busca de reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais, este trabalho procurou analisar a percepção de mulheres rurais sobre a inserção em espaços de feira livre.

Palavras-chave: Feira livre, Mulheres, Relações de Gênero.

ABSTRACT
An important factor for the construction of a new reality about gender relations and, mainly, for the constitution of the female protagonist in family agriculture appears as the entry of women in Free Fair spaces, as it enables women to create new relationships Disengagement of the private sphere. In this sense, in view of the context of the search for recognition of women as rural workers, this work sought to analyze the perception of rural women about the insertion in free market spaces.

Keywords: Free Fair, Women, Relations gender issues.

1 INTRODUÇÃO

As desigualdades entre homens e mulheres são expressivas e marcantes no meio rural brasileiro, baseadas em elementos que fazem distinção por gênero de forma hierarquizada, tais como a organização e a construção dos espaços do trabalho familiar. Na agricultura familiar, o trabalho é um elemento central da lógica econômica, baseando-se em uma rígida divisão de tarefas, onde são definidas as atividades próprias para os homens e para as mulheres.

Deste modo, o trabalho feminino se torna não reconhecido, inviabilizado e algumas vezes sem gerar valor econômico e social. Brumer (2004) expõe que as mulheres se tornam responsáveis pelos afazeres domésticos, não podendo dedicar-se integralmente às atividades agrícolas e, assim sendo, assumem uma posição de coadjuvante do processo produtivo, sendo seu trabalho considerado leve pelo homem. De acordo com Filipak (2012), muitas mulheres ainda não se reconhecem como trabalhadoras rurais por incorporarem o entendimento de que o trabalho feminino e não remunerado se caracteriza como complementar, contribuindo para a naturalização dessa condição social.

Um fator importante para a construção de uma nova realidade sobre as relações de gênero e, principalmente, para a constituição do protagonismo feminino na agricultura familiar aparece como a entrada das mulheres em espaços de Feira Livre, pois possibilita para as mulheres a criação de novas relações sociais e do desvencilhamento da esfera privada. Neste sentido, diante do contexto de busca de reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais, este trabalho procurou analisar a percepção de mulheres rurais sobre a inserção em espaços de feira livre.

Para a construção desta pesquisa, foi realizado um estudo de caso em um assentamento rural, localizado no município de Piratini, Rio Grande do Sul. Fundado em fevereiro de 1992, o Assentamento Conquista da Liberdade, com uma área de 1232 hectares, tem sua intimamente ligada à história da luta pela terra no estado do Rio Grande do Sul. A reprodução do social do trabalho no assentamento é marcada pelo cultivo de diferentes culturas, embora a atividade leiteira desempenhe carro-chefe no sustento das famílias. Como estratégia para aumentar a renda, algumas famílias criaram duas feiras, uma com periodicidade semanal, realizada na área central do município e outra realizada diariamente nas proximidades do assentamento.

2 METODOLOGIA

Como o objetivo de obtenção de conhecimentos detalhados, foi realizado um estudo de caso, onde se buscou recuperar as experiências das mulheres e analisar a percepção delas sobre o trabalho, caracterizando-se como um tipo de pesquisa cujo objetivo é uma unidade que se analisa profundamente. Segundo Gray (2012, p. 200), “o estudo de caso se mostra valioso ao acrescentar entendimento, ampliar a experiência e aumentar a convicção sobre um tema”.

Foi adotada a observação como um dos principais instrumentos da pesquisa. A etapa de observação resultou em um grande envolvimento com a área de estudo, com seus

sujeitos e seus modos de vida, ocorrendo todos os dias da vivência no assentamento (totalizando dez dias) que incluiu vivenciar diversas atividades, desde rotinas das famílias até atividades agrícolas. A escolha da amostra se deu através do entendimento do que poderia ser mais útil para o estudo. Neste sentido, foram escolhidas oito mulheres para compor o estudo.

Diante dos objetivos propostos também foi realizada uma análise empírica, através de uma entrevista com pautas semiestruturadas com as oito mulheres assentadas, que teve por objetivo a coleta de informações pessoais, sendo que ordenados sistematicamente, possibilitaram o conhecimento de diversas situações (MUNHOZ, 1989). Ou seja, buscou-se uma imagem mais completa e real dos fenômenos que tendem a caracterizar o problema que está sendo pesquisado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A caracterização das famílias é bem diversificada no assentamento, sendo quase todas elas são do tipo nucleares, onde possuem a presença de pai, mãe, filhos e filhas. O perfil das famílias se assemelha ao que vem acontecendo em outras regiões de agricultura do sul do país nas últimas décadas, na qual se destaca o processo de redução e envelhecimento da população e da masculinização da população, através da migração das moças para cidade, bem como da diminuição do número de filhos e filhas por família.

As famílias foram, ao longo do tempo, desenvolvendo diversas estratégias para sobreviver enquanto grupo social, como a organização de feiras. Nesse sentido, em busca de maior autonomia econômica e social, nasceu no final do ano de 2014, com a união de algumas das famílias, a Associação dos Produtores Agroecológicos do Assentamento Conquista da Liberdade. Entre as atividades desenvolvidas pela associação está a realização de duas feiras, uma no centro da cidade, tendo periodicidade semanal, e outra localizada em uma rodovia próxima ao Assentamento, tendo periodicidade de segunda a sábado.

As duas experiências de feiras possibilitam para as famílias envolvidas liquidez imediata dos produtos e maior apropriação de renda agropecuária. Alguns produtos, que no passado eram considerados diversificação para a subsistência das famílias, tornaram-se indispensáveis para atender às expectativas dos consumidores. As famílias realizam um rodízio para o atendimento na feira, sendo que cada dia duas famílias são responsáveis, porém, somente as mulheres participam da comercialização dos produtos.

Sobre a participação na feira uma agricultora comenta: “a feira revolucionou a nossa vida. É o que nos detemos mais, a cidade fica louca com os nossos produtos”.

Foi possível verificar que a inserção das mulheres na feira livre tem contribuído para romper com a ideia de que a mulher está limitada à esfera privada, possibilitando a desconstrução do papel de mulher ajudante, uma vez que essa atividade tem grande protagonismo feminino, seja na produção dos produtos ou na comercialização. Além disso, as agricultoras destacam a troca de conversa com o consumidor como a principal motivação para realizar esta atividade, como descreve uma agricultora: “a gente saí do nosso mundinho e começa a conhecer outras pessoas”.

Ferrari (2013), estudando feira livre, descreve que estes espaços permitem a constituição de diferentes relacionamentos com os consumidores, onde a troca de conversa fornece um sistema de qualificação e de preocupação com a melhoria contínua do que deverá ser apresentada na próxima feira, realidade compreendida como o principal ponto positivo pelas mulheres entrevistadas.

> Com a feira a gente (as mulheres) toca o nosso próprio serviço. A mulherada adora ir pra feira, fazemos revezamento no atendimento. O pessoal da cidade reconhece nosso trabalho, reconhece nosso produto, dão elogios e parabéns. A gente volta renovada. (Agricultora, 45 anos.)

Porém, “[...] não se pode idealizar o espaço da feira livre no sentido de promover a autonomia das mulheres, pois só a participação na feira não garante isso” (FACCIN, 2016, p. 96), visto que o preparo dos produtos para comercialização na feira faz com que as mulheres passem maior tempo dentro de casa, em que é aumentada a rotina e a carga horária de trabalho, na medida em que a procura pelos produtos também aumenta.

Nesse sentido, sobre conciliar o trabalho agrícola e o trabalho doméstico, algumas mulheres afirmam sentirem muitas dificuldades, outras relatam não gostarem de realizar as atividades domésticas, remetendo que esta atividade é uma obrigação, algo já naturalizado em suas vidas, assim uma agricultora comenta: “só faço porque tem que fazer”.

Não foi possível observar um consenso entre as entrevistadas sobre o acesso aos recursos financeiros decorrentes das atividades que desempenham. Sobre os recursos da feira livre, a maioria das agricultoras apontou que são elas que administram os recursos oriundos das vendas, porém, quando questionadas sobre os outros recursos oriundos do trabalho familiar, afirmam que os recursos do trabalho na lavoura são acessados apenas pelos homens. Nestes casos, se verificou que as mulheres não possuem uma renda fixa.

Além disso, outra agricultora, já aposentada, afirma que sua aposentadoria é administrada em conjunto com seu esposo e outra entrevistada afirma nunca ter participado da gestão dos recursos financeiros em sua casa, ficando apenas para seu esposo essa atribuição, incluindo aqueles oriundos da feira.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho, que teve como objetivo analisar as relações de gênero no Assentamento Conquista da Liberdade a partir do relato das agricultoras sobre o trabalho, nos permitiu conhecer a dura realidade na qual as mulheres estão inseridas, tendo seu trabalho inferiorizado ao mesmo tempo em que homens ocupam os espaços de poder e decisão. Neste sentido, vista a complexidade de abordar a desigualdade de gênero, primeiramente, cabe destacar o seu protagonismo na construção do espaço social em que estão inseridas e a sua importância no desenvolvimento da agricultura familiar.

O assentamento estudado é um espaço de múltiplas relações sociais, em que a vida em comunidade é construída a partir de vários aspectos, entre eles se destaca a interação que o trabalho provoca entre as famílias, sendo estabelecido a partir de uma profunda divisão nos papéis sociais de gênero.

No que se refere ao reconhecimento de seu papel na agricultura familiar, é preciso destacar que ainda falta um maior entendimento e valorização por parte dos homens e da sociedade de um modo geral sobre o trabalho desempenhado pelas mulheres. A naturalização da divisão do trabalho impossibilita a participação feminina nos espaços de liderança, estabelecendo aos homens o poder das decisões e o acesso aos recursos financeiros, produz sobrecarga e desvalorização do trabalho da mulher, além de contribuir com a manutenção da dominação masculina, que perpassa vários campos e espaços sociais, incluindo as atividades referentes à feira livre.

REFERÊNCIAS

BRUMER, A. Gênero e agricultura: A situação da mulher na agricultura familiar do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2004.

FACCIN, R. **O trabalho de mulheres assentadas: descortinando desigualdades**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

FERRARI, D. **Entre a dádiva e o mercado: o que se troca nas feiras livre**. 51º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Belém, 2013.

FILIPAK, A.; SAPIENSA, L.; ALEIXO, S. **A política de crédito rural e a autonomia econômica das mulheres: Um estudo de caso do PRONAF-Mulher**. Anais Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Florianópolis, 2012.

GRAY, D. **Pesquisa no mundo real**. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

MUNHOZ, D. G. **Economia aplicada: técnicas de pesquisa e análise econômica**. Brasília: Universidade de Brasília, 1989.